

**ISE - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO FUNDAMENTAL COMO
OBSERVATÓRIO DAS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE
GEOGRAFIA**

Autor: Lucélio Claudio de Oliveira

Orientadora: Ma. Ana Letícia de Oliveira

**JUÍNA/MT
2013**

**ISE - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ENSINO FUNDAMENTAL COMO
OBSERVATÓRIO DAS ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE
GEOGRAFIA**

Autor: Lucélio Claudio de Oliveira

Orientadora: Ma. Ana Letícia de Oliveira

*“Trabalho apresentado como exigência
parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Geografia.”*

**JUÍNA/MT
2013**

**ISE - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

BANCA EXAMINADORA

Profª Ma Denise Peralta Lemes

Profª Chaeny Silva Souza

Profª Ma. Ana Letícia de Oliveira
ORIENTADORA

Dedico esse trabalho à minha família, motivo de minha existência. À minha noiva, Alana Alves Ribeiro, pelo apoio constante. E aos meus companheiros de caminhada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, que sempre esteve ao meu lado, guiou-me pelos caminhos no qual percorri até agora, e certamente estará comigo até o fim.

Agradeço também aos meus pais, Darci Claudio de Oliveira e Sônia Maria de Oliveira e também todos os meus irmãos e irmãs.

Também agradeço a minha orientadora Professora Ma. Ana Leticia de Oliveira, pelo apoio na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, assim como a banca examinadora composta pelas professoras Ma. Denise Peralta Lemes e Chaeny Silva Souza, todos que de certa forma contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado.

Agradeço imensamente ao vereador, Paulo Roberto Tiepo (Paulão), por ter intermediado na aquisição da minha bolsa de estudo nesta instituição de ensino (AJES).

Muito obrigado a todos!

“Educação é aquilo que fica depois que
você esquece o que a escola ensinou.”

(ALBERT EINSTEIN)

RESUMO

O Estágio Supervisionado é de fundamental importância para que o estagiário possa adquirir mais conhecimento e estratégias de ensino de geografia, obtendo maiores experiências. A partir daí, nesse trabalho, desenvolve-se o tema “O estágio supervisionado em Ensino Fundamental como observatório das estratégias para o ensino e aprendizagem de geografia”, o qual é estruturado em três capítulos. Inicia-se abordando os principais conceitos e fases que a história da geografia passou até chegar ao período contemporâneo. Logo após apresenta-se alguns conceitos sobre a Prática de Estágio Supervisionado Obrigatório, apontando sobre sua fundamental importância para os futuros professores que serão os próximos regentes de nossas escolas. Observa-se a percepção dos alunos e professor de geografia, quanto ao ensino/aprendizagem aplicados no ensino fundamental da escola pública através de questionamentos, e pesquisa de campo na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramim, localizado no município de Juína/MT. Com base nas pesquisas realizadas, abordam-se algumas propostas com o intuito de contribuir para que o futuro professor, ao desenvolver o estágio supervisionado possa aplicar na prática o que estudou em todo o período da graduação em Geografia. Através da pesquisa de campo pode-se observar com mais exatidão o ponto de vista e as dificuldades tanto encontradas pelos professores regentes, quanto por alunos que tiveram a presença de estagiários em suas aulas de geografia. Nesta pesquisa será possível notar a opinião de ambos, quanto ao conteúdo aplicado, metodologia, pontualidade entre outros pontos fundamentais de conhecimento do estagiário.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Ensino de geografia. Estágio em ensino fundamental.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Domínio de conteúdo.....	37
Gráfico 2 – Compromisso com a turma.....	37
Gráfico 3 – Recursos em aulas.....	38
Gráfico 4 – Recursos diferenciados.....	38
Gráfico 5 – Desempenho.....	39
Gráfico 6 – Melhorias.....	39
Gráfico 7 – Parcerias de instituições acadêmica e escolas.....	40
Gráfico 8 – Importância de projetos.....	40
Gráfico 9 – Domínio de conteúdo segundo os alunos	41
Figura 10 – Compromisso com a turma na percepção dos alunos	42
Figura 11 – Recursos em salas segundo os alunos	42
Figura 12 – Recursos diferenciados segundo os alunos	43
Figura 13 – Avaliações de aulas	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I - GEOGRAFIA E ENSINO DE GEOGRAFIA	12
1.1 HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	12
1.2 HISTÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL	19
1.3 ENSINO DE GEOGRAFIA ATUAL	21
CAPÍTULO II – PRÁTICA DE ESTÁGIO	25
2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO	25
2.2 ESTÁGIO COMO PRÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL	28
2.3 ESTÁGIO EM GEOGRAFIA	29
CAPÍTULO III - O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA	32
3.1 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA	32
3.2 A EXPERIÊNCIA PRÁTICA DO ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL	33
3.3 A ATUAÇÃO DO ESTAGIÁRIO NA PERCEPÇÃO DO PROFESSOR E ALUNO DA EDUCAÇÃO BÁSICA	35
3.4 DIFICULDADES E POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO	42
3.5 ALTERNATIVAS PARA MELHORAR A PRÁTICA DE ENSINO	44
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

A prática de estágio é de fundamental importância para a formação do professor de geografia, pois é um tempo de preparação necessário para aplicar na prática os conteúdos abordados na teoria. Principalmente o ensino de geografia que abre um horizonte muito amplo de abordagens que podem ser aplicados, como os recursos tecnológicos, mapas, globos, livros didáticos e até mesmo a própria natureza, são uns dos recursos que o estagiário poderá utilizar nas salas de aula, tendo visto que esses tipos de recursos despertam o interesse e criatividade dos alunos.

Nesse trabalho será abordado como discussão central o estágio supervisionado como observatório das estratégias para o ensino e aprendizagem de geografia: percepção do professor/aluno. No decorrer desse trabalho serão apresentados resultados de levantamentos bibliográficos de obras de diversos autores que servem de base para o ensino aprendizagem da geografia.

Apresentam-se algumas propostas que possam facilitar os educadores e educandos no dia-a-dia escolar, sendo inseridas as experiências adquiridas durante o estágio supervisionado, executado no período de graduação compostas de métodos e práticas no ensino da geografia.

Com isso, tem-se o objetivo geral, compreender como o estágio supervisionado pode possibilitar o reconhecimento das diferentes estratégias para o ensino de geografia na educação básica de nível fundamental, e quais são as percepções dos professores e alunos acerca dos estagiários.

Entende-se a necessidade da realização de embasamento teórico a respeito das práticas de estágio e ensino de geografia, e também a realidade a partir do levantamento de campo em escola pública sobre o estágio supervisionado em geografia.

O referido estágio ocorreu na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, bem como a pesquisa realizada, essas aplicações tiveram como objetivos específicos apontar as dificuldades que podem ser encontradas pelos estagiários e professores, bem como os alunos; abordar algumas estratégias que podem ser utilizadas pelos docentes no âmbito da educação, com ênfase nas aulas de geografias.

A problemática envolvente ao entorno do estudo baseia-se nos seguintes questionamentos: Qual a importância da relação professor, estagiários e aluno nas aulas de geografia? É possível criar estratégias para melhorias de ensino em geografia, de uma forma que possa apreender a atenção e os interesses dos alunos?

Para atingir os objetivos propostos pelo estudo utilizou-se uma metodologia que buscasse a maior profundidade possível na temática proposta. Para isso, o trabalho de pesquisa organizou-se através de etapas em busca dos resultados esperados.

O Processo Metodológico iniciou com a definição do tema, que devido à necessidade de apresentar o quanto é importante um graduando em geografia ter o contato com a sala de aula, antes de ser realmente licenciado a exercer a profissão, tendo em vista que o estagiário necessita estar preparado para ser o intermediador do processo de ensino e aprendizagem.

Após, realizou-se a elaboração do projeto de pesquisa para nortear a realização do estudo, a fim de concretizar as ideias, problemáticas, hipóteses e possíveis soluções para os problemas ainda enfrentados pelos estagiários.

A primeira etapa de execução foi a realização de levantamento bibliográfico, no qual se abordam alguns autores com conhecimentos específicos sobre o ensino de geografia, sendo as temáticas estudadas divididas em tópicos, como: a história da Geografia, história do ensino de Geografia no Brasil, ensino de geografia atual, estágio supervisionado obrigatório, estágio como prática no ensino fundamental, estágio em Geografia, a experiência prática do estágio no ensino fundamental, a atuação do estagiário na percepção do professor e aluno da educação básica, dificuldades e possibilidades de crescimento e as alternativas para melhorar a prática de ensino.

Deste modo, realizou-se a pesquisa de campo na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramim, localizada no município de Juína/MT. A pesquisa foi aplicada para alunos do ensino fundamental que estão no 7º ano "A" (1ª fase do 3º ciclo), com média de idade de 12 anos e com seis professores regentes de geografia.

Por fim buscou-se articular as informações adquiridas em levantamentos de forma concisa através de gráficos e comentários, expondo assim os resultados adquiridos na pesquisa de campo executada na escola.

CAPÍTULO I

GEOGRAFIA E ENSINO DE GEOGRAFIA

Neste capítulo serão abordadas as principais características da história da geografia, citando alguns autores que apresentam conceitos importantes sobre a trajetória e mudanças percorridas ao longo do tempo.

1.1 HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

A geografia está inserida na humanidade há muitos anos, mesmo quando não se notavam a sua presença, ou até mesmo não a nomeavam de geografia. Podemos citar os primitivos como os Babilônios, com o que foi considerado o primeiro mapa de localização. Com todos esses acontecimentos, a geografia foi percebida até mesmo com os comércios gregos;

Entretanto “a geografia é um saber tão antigo quanto a própria história dos homens”, dirão frequentemente seus historiadores. No seu termo mais remoto, a geografia “nasce” entre os gregos, juntos com o nascimento da filosofia (...), Por quê? Por que não entre os povos seus contemporâneos ou anteriores a eles? Porque foi na Grécia onde as lutas pela democracia mais ganharam profundidades e duração entre os povos da antiguidade. E também porque a base econômica da Grécia era o comércio. (MOREIRA 1987, p. 15).

Conforme aponta Moreira (1987), apesar da existência da escravatura, a riqueza da Grécia não estava diretamente ligada ao trabalho escravo, daí então a existência da sua organização espacial em cidades-estados. Sendo assim, a geografia surgiu interligada às lutas democráticas que se desenvolveram nas cidades gregas e atravessaram praticamente toda sua história.

A geografia só é reconhecida como ciência a partir do século XIX, para Moreira (1987), a geografia é popularizada a partir de 1750, se estendendo por mais 150 anos, até tornar-se ciência. A mesma nasce entre os alemães Kant, Humbolt, Ritter e Ratzel. A ciência geográfica já passou por diversos períodos nos quais foram chamados de *Paradigmas da Geografia*.

De acordo com Santos (2004), para entendermos Fundamentos Filosóficos na geografia como ciência que ocorreu no momento de sua construção no fim do Século XIX e início do século XX, temos que resgatar os seguintes pensadores:

Descartes (1596 - 1650), Kant (1724 – 1804), Darwin (1809 – 1882), Comte (1798 – 1857), Hegel (1770 – 1831) e Marx (1818 – 1883).

Os autores citados acima contribuíram de forma diferente, característica e ideologicamente para a construção dos paradigmas da geografia.

O filósofo francês René Descartes é considerado o pai da filosofia moderna, tendo como principal contribuição o racionalismo. O filósofo alemão Immanuel Kant analisou o espaço e o tempo. O naturalista britânico Charles Darwin, na obra “A origem das Espécies” apresenta a seleção natural, que impactou profundamente as ciências naturais. O filósofo francês August Comte elaborou o positivismo. O filósofo alemão Georg Hegel o idealismo, e o filósofo, economista e revolucionário alemão Karl Marx o materialismo histórico dialético. Esses conhecimentos teóricos ofereceram suporte para o desenvolvimento dos paradigmas da geografia. (COSTA e ROCHA, 2010, p. 28),

Segundo Costa e Rocha (2010), a geografia científica surge na Alemanha no período do auge da burguesia e foi utilizada para fins políticos expansionistas, que devido à unificação tardia somente então utilizaram a nova ciência para alcançar suas necessidades imperialistas de expansão territorial e comercial.

De acordo com Santos (2004), foi difícil desligar a geografia dos interesses imperialistas inclusos em sua formação. Com isso, essa ciência foi apoiada em criar centro de pesquisa para que beneficiasse efetivamente as necessidades do Estado e do capital. Entretanto, Costa e Rocha (2010) concluíram que os três principais paradigmas da geografia tradicional com base nas discussões apresentadas são o determinismo ambiental, o possibilismo e o método regional.

Com todo esse movimento foi possível detectar o primeiro *paradigma da geografia*, sendo chamado pelos pensadores da época de *Determinismo Ambiental*, conforme explana Corrêa (2003, p. 09), “foi o determinismo ambiental o primeiro paradigma a caracterizar a geografia que emerge no final do século XIX, com a passagem do capitalismo concorrencial para uma fase monopolista e imperialista”.

Seus defensores afirmam que as condições naturais, especialmente as climáticas, e dentro delas a variação da temperatura ao longo das estações do ano, determinam o comportamento do homem, interferindo na sua capacidade de progredir. Cresceriam aqueles países ou povos que estivessem localizados em áreas climáticas mais propícias. (CORRÊA, 2003, p. 09),

Ainda para Corrêa (2000, p. 05), “o determinismo ambiental configura uma ideologia, a das classes sociais, países ou povos vencedores, que incorporam as pretensas virtudes e efetivam as admitidas potencialidades do meio natural onde vivem”. Deste modo podemos exemplificar que a Grécia da Antiguidade se adaptou

ao clima mediterrâneo apresentando assim o poder de seu povo perante os asiáticos que viviam em áreas caracterizadas pela invariabilidade anual das temperaturas, mostrando assim o sucesso do poder de desenvolvimento da expansão Grega.

No entanto, isso justifica o errôneo e histórico conceito da superioridade impostos pelas antigas populações mediterrâneas, que insistia que outras civilizações existentes da época eram consideradas, “bárbaros” ou “selvagens”. Sendo assim,

Fica claro que o determinismo ambiental, apoiado no darwinismo social, veio para justificar o processo expansionista da época. Ingleses, alemães, italianos, russos, norte-americanos, entre outros Estados, assumiram as ideias deterministas com vistas a atender seus projetos imperialistas. O homem é introduzido nas discussões, porém é visto como uma espécie animal que busca se adaptar e controlar o meio natural. (COSTA e ROCHA 2010, p. 32).

Ainda para Costa e Rocha (2010, p. 32), na tentativa de explicar sobre a evolução da humanidade, segundo a proposta de Darwin, “a evolução se processaria através da luta entre as várias espécies, vencendo as mais capazes na sua adaptação ao meio natural”. Tendo visto que esse fato ocorria entre as várias espécies, etnias e povos, sendo escolhidas as que melhores se adaptassem e controlassem o meio natural.

O homem foi introduzido nas discussões, mas, no entanto, como se busca adaptar e controlar o meio natural em que vive é visto como uma espécie animal. Contudo, em reação do determinismo ambiental, no final do século XIX, na França, surgiu o segundo *paradigma*, conhecido como o *Possibilismo*, que foca as relações entre o homem e o meio natural, mas que, no entanto, não o considera a natureza algo determinante para o comportamento humano.

O francês Vidal de La Blache foi o grande expoente do possibilismo. (...), a proposta do autor manifestava um tom mais liberal, consoante com a revolução francesa. As críticas ao determinismo dizem respeito ao tratamento das questões políticas, ao seu caráter naturalista, a minimização do elemento humano e a concepção mecanicista das relações entre homens e natureza. (COSTA e ROCHA, 2010, p. 33).

Segundo Moraes (1983), o geógrafo francês mencionado acima definiu o objeto da geografia com base na relação entre homem-natureza, na perspectiva da paisagem, ou seja, defendia o conceito de que o homem deve ser compreendido como ser ativo que sofre a influência do meio que vive, no entanto, atua sobre este meio e o transforma.

Conforme aponta Suertegaray (2001), em La Blache, o foco da geografia é a ciência dos lugares e não dos homens, pois a principal preocupação estava em “estudar a ação humana materializada sobre o espaço e não as relações sociais e seus efeitos”.

De acordo com os conceitos de Andrade (1987), La Blache, o meio em que o homem vive de certa forma o influencia, mas o homem depende das condições técnicas e recursos que estão disponíveis no momento para que pudesse exercer alguma influência sobre o meio, surgindo então a expressão *possibilismo* que ficaram conhecidos como estudos regionais, tendo visto que estavam voltadas para pequenas áreas.

Rodrigues (2008) apud Costa e Rocha (2010) citam o seguinte conceito sobre a Geografia Regional:

[...] ele divide o estudo geográfico em quadros físicos, humanos e econômicos. Assim, tem-se, por exemplo, nos trabalhos monográficos e regionais: a localização da área, por meio de projeções cartográficas; o quadro físico; como relevo, solo, hidrografia, clima vegetação etc.; a formação histórica de ocupação humana do território; a estrutura agrária; a estrutura urbana; a estrutura industrial etc. (RODRIGUES, 2008, p. 86. apud COSTA e ROCHA, 2010)

Sendo assim, concluem que se baseando no conjunto de cartas, tem-se o objetivo de demonstrar uma relação entre os elementos humanos e naturais da região.

De acordo com Costa e Rocha (2010), o geógrafo francês Vidal de La Blache preocupava-se em manter seus estudos minuciosamente descritos quanto aos quadros físicos, humanos e econômicos para depois então apresentar as relações existentes entre elas. A partir de então, La Blache formou diversas escolas na França, que contou com a participação de inúmeros discípulos que deram continuidade em seus estudos, ideologicamente os deterministas e possibilistas que existiam, mantinham o mesmo foco de não considerar o homem como um ser social.

De acordo com Costa e Rocha (2010), na perspectiva de Santos (2004), os avanços do possibilismo baseiam-se em compreender como o homem tem a capacidade de se transformar sobre o meio natural.

O terceiro paradigma da geografia tradicional é o método regional, que,

[...] opondo-se ao determinismo ambiental e ao possibilismo. Nele, a diferenciação de áreas não é vista a partir das relações entre o homem e a natureza, mas sim da integração de fenômenos heterogêneos em uma dada porção da superfície da Terra. O método regional focaliza assim o estudo de áreas, erigindo não uma relação causal ou a paisagem regional, [...]. (CORRÊA 2000, p. 7)

Costa e Rocha (2010, p.34) aponta o conceito de Christofolletti (1985), que esclarece que “o método regional considerava que cada categoria de fenômeno era objeto de determinada ciência (sociologia, economia, demografia, botânica, hidrologia, etc.)”, tendo visto que essas ciências defendiam a análise sobre assuntos particulares, ou seja, considerando a geografia como a totalidade estava de acordo com o trabalho de síntese juntando informações que pudessem salientar a visão global da região.

Estes dominaram a produção geográfica e o debate durante o final do século XIX, até meados da década de 1950. Mesmo na atualidade, ainda podemos observar vestígios das escolas tradicionais tanto no ensino como na pesquisa. No período pós Segunda Guerra Mundial se iniciou o movimento de renovação. (COSTA E ROCHA, 2010, p. 34)

Para Costa e Rocha (2010,) na visão de Santos (1986), após 1950 não havia possibilidade de a geografia desviar das diversas transformações ocorridas em todos os domínios científicos, a partir do início da segunda metade do século XX, mas as modificações presentes, principalmente as essenciais novas tecnologias, proporcionaram que inúmeros pesquisadores analisassem sobre a busca de novas possibilidades teóricas e metodológicas.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, Camargo; Reis Júnior, (2007, p.84) aponta a corrente que iniciou e terminou por trazer profundas modificações teóricas e metodológicas, que foram denominadas como Geografia, Teórica e Quantitativa ou Geografia Neopositivista. O que caracterizou essa escola foi o emprego das técnicas matemático-estatísticas na geografia, que proporcionaram a revolução no seio dessa ciência.

Para Christofolletti (1985), os países que desenvolveram uma geografia quantitativa se caracterizaram com intensidade na aplicação da metodologia científica embasada no positivismo lógico ou neopositivismo, ou seja, no uso de técnicas de estatísticas matemáticas foram Suécia, nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e na Rússia.

De acordo com Santos (2004), o uso da filosofia neopositivista teve como objetivo dotar a geografia de cientificismo, ou seja, torná-la mais científica, visto que

o uso de técnicas matemáticas, modelos, o empirismo e a experimentação seriam os requisitos básicos de uma ciência.

Sendo assim, podemos verificar que os críticos deste paradigma relatam que a quantificação não faz mais parte de uma ferramenta auxiliar para um geógrafo e sim, passou a ser um referencial básico para pesquisas. Os estudos da época estavam mais preocupados com os modelos e com as estatísticas do que preocupados com as relações sociais e espaciais presentes no espaço.

Ainda para Costa e Rocha (2010), a quantificação tem como intuito e mérito sobre o crescimento da geografia com uso de modelos matemáticos-estatísticos, sendo também inseridos computadores para analisar e aprimorar os conhecimentos na área metodológica, mas, no entanto, a utilização das técnicas e modelos característicos das ciências naturais não era suficiente para responder as questões impostas pelas ciências sociais.

A tendência contemporânea surge nos anos 70, descrita como Geografia Crítica ou geografia nova, em que Christofolletti (1985, p. 41) “classifica as tendências críticas em: geografia radical, geografia humanística e geografia idealista”.

Segundo Brito e Pessoa (2009), a geografia crítica ou radical, em seu núcleo, buscou não apenas reprimir as geografias existentes, mas basicamente esse nova corrente se envolveu com temas juntamente com a sociedade civil, com ideais afim de proporcionar soluções através de debate relativos ao espaço geográfico, sendo que nortearam,

sobretudo, de forma contrária ao que fez as geografias clássica, moderna e quantitativa, desligando-se das amarras do poder do Estado e filiando-se a uma linha ideológica voltada ao saber crítico – aquele que analisa com minúcia, percebe e alcança as intenções, expõe os contrastes, procura colaborar nas manifestações e reivindicações dos indivíduos execrados, reprimidos e oprimidos, seja pela sua cor, raça, gênero, opção sexual, etnia etc., e principalmente dos que esperam a oportunidade de criar um mundo melhor com direitos igualitários para todos. (BRITO e PESSOA, 2009, p. 4)

Com isso, os geógrafos em geral passaram a atuar em benefício da sociedade, que devido à expansão industrial mudou o contexto das grandes cidades.

Para Costa e Rocha (2010), o constante êxodo rural que foram abarrotando as cidades que por sua vez não oferecia um suporte adequado, tornou-se em grandes problemas sociais bem como a concentração de renda e “foram construindo

um espaço degradado, especialmente na América Latina, África e Ásia.” Esses fatores citados foram determinantes e necessário à inserção “do pensamento marxista na geografia e sua difusão entre um número significativo de pensadores”.

Em nosso país, podemos destacar as obras de Milton Santos e Ruy Moreira, que contribuíram para difundir-se a Geografia Crítica ou Geografia Nova, sendo que o principal foco com o social, conforme descreve Vesentini (2009, p.128): “devemos engajar-se nas questões e lutas sociais (das mulheres, dos moradores, dos ambientalistas, enfim dos que pleiteiam uma sociedade democrática e tolerante, dos que contribuem para engendrar uma realidade mais justa)”. Os movimentos sociais contestatórios dos anos 1960 e 1970 (contracultura, lutas pelos direitos civis e sociais), em que

a geografia crítica, no final das contas, foi aquela – ou, mais propriamente, aquelas, no plural – que não apenas procurou superar tanto a geografia tradicional quanto a quantitativa, **como principalmente procurou se envolver com novos sujeitos**, buscou se identificar com a sociedade civil, tentou se dissociar do Estado (esse sujeito privilegiado naquelas duas modalidades anteriores de geografia, a tradicional e a pragmática) e se engajar enquanto saber crítico (...). (VESENTINI, 2009, p. 128).

Ou seja, ainda para Vesentini (2009, p. 128), é aquela que também avalia, compreende, assinala as “reivindicações dos oprimidos, das mulheres, dos indígenas, dos afro-descendentes e de todas as demais etnias subjugadas, dos excluídos, dos dominados”, ouvi-los aqueles de apostam criarem algo novo, dos cidadãos em geral, na busca por novos direitos.

Ainda conforme o autor, essa expectativa é oriunda das contradições do Sistema capitalista que por sua vez causou à desigualdade espacial, conforme aponta Costa e Rocha (2010, p. 37), “a pobreza, a miséria, as desigualdades sociais, o desemprego, a corrupção e até mesmo a fome onde se produz alimentos se manifestam de forma escancarada”. Por isso, esse objetivo de compreensão dos espaços e culturas, ainda para os autores, “fica evidente a preocupação do método com a transformação da realidade. Não basta apenas compreender a essência, é necessário compreender para mudar”.

Esse movimento foi difundido principalmente nas escolas da época sendo os professores de ensino regulares e superiores responsáveis, conforme relata Vesentini (2009, p. 129), “ela se desenvolveu, a partir em especial nos anos 1970, nas escolas de nível fundamental (de 5ª à 8ª séries) e principalmente no ensino

médio, o antigo colegial ou 2º grau”. No próximo subcapítulo vamos expor um breve relato sobre a história do ensino de geografia no Brasil.

1.2 HISTÓRIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA NO BRASIL

Abreu (1998) aponta em seu artigo “Caracterização da Área de Geografia - Geografia No Ensino Fundamental” as principais tendências do ensino de geografia, que de certa forma influenciaram e ainda permanecem influenciando muito na prática de ensino, gerando reflexões sobre os artefatos e métodos do fazer geográfico que geraram diferentes momentos, no que diz respeito à produção acadêmica do ensino de geografia.

De acordo com Abreu (1998), o ensino de Geografia no Brasil surgiu a partir da década de 40 juntamente com a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e do Departamento de Geografia, tendo visto que a disciplina de Geografia passou a sofrer forte influência da escola Francesa de Vidal de La Blanche, sendo aplicadas pelos professores licenciados na área e marcadas pela explicação objetiva e quantitativa da realidade que fundamentava a escola francesa.

No fim dos anos 30, sendo que por influências de vários professores Europeus, foram formados os primeiros alunos licenciados em geografia em nosso país, no qual,

Pierre Monbeig, (...) lecionou no primeiro curso acadêmico de geografia criado no Brasil, nascido junto com a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, (...) Durante o período em que permaneceu no País (1935-1946), formou uma geração de geógrafos e, além de se dedicar à docência e à pesquisa, escreveu artigos sobre o ensino da geografia (...). (BUITONI, 2010, p. 09).

Os professores Franceses tiveram uma grande contribuição para o ensino de geografia naquele momento de disseminação da ciência geográfica em nosso país. A partir de então, essa escola espalhou o objetivo de aproximar as relações do homem com a natureza de forma objetiva, buscando a formulação de leis gerais de interpretação, chamadas de Geografia Internacional, que não priorizava intensamente as relações sociais apesar de valorizar o ser humano como sujeito histórico, mas propunha-se a analisar a produção do espaço geográfico como um todo, ou seja,

estudava-se a população, mas não a sociedade; os estabelecimentos humanos, mas não as relações sociais; as técnicas e os instrumentos de trabalho, mas não o processo de produção. (ABREU, 1998 p. 71)

Sendo assim, não tratavam os problemas existentes na sociedade, privando o homem do seu papel responsável perante seus semelhantes, pois a ciência era muito fragilizada puxando somente em prol do natural.

Segundo ABREU (1998), no ensino de geografia houve uma repercussão que se traduz até hoje como o estudo descritivo de paisagens naturais e humanizadas, mas que, no entanto, foram separadas do espaço vivido pela sociedade e da organização do espaço, quando dizem respeito às relações contraditórias do espaço.

Da forma como foi aplicado o ensino de geografia, utilizando os procedimentos didáticos que estimulou principalmente a memorização nos alunos, fez com que não fosse necessário que os mesmos estabelecessem relações e analogias para compreender os elementos que compõem as paisagens.

Segundo Vesentini (2008), pretendiam ensinar a geografia neutra, que marcou em meados da década de 70 a produção dos livros didáticos que permeiam até hoje as ideias, interpretações e expectativas de aprendizagem defendidas pela Geografia Tradicional.

Conforme relata Abreu (1998, p. 72), as teorias marxistas influenciaram a crítica à Geografia Tradicional, sendo que esses acontecimentos foram a partir dos anos 60, cuja preocupação principal estava relacionada entre “a sociedade, o trabalho e a natureza na produção do espaço geográfico”:

ou seja, os geógrafos procuraram estudar a sociedade por meio das relações de trabalho e da apropriação humana da natureza para produzir e distribuir os bens necessários às condições materiais que a garantem. Critica-se a Geografia Tradicional, do Estado e das classes sociais dominantes, propondo-se uma Geografia das lutas sociais. Num processo quase militante de importantes geógrafos brasileiros, difunde-se a Geografia Marxista. (ABREU, 1998, p. 72).

A seguir, aborda-se sobre o ensino de geografia atual, com base no estágio supervisionado em escolas públicas, enfatizando os principais conceitos e críticas de autores renomados quanto às tentativas de solucionar problemas enfrentados pelos estagiários na sala de aula.

1.3 ENSINO DE GEOGRAFIA ATUAL

Ao decorrer deste tópico serão consultadas obras de diversos autores que servem de exemplo para o ensino e aprendizagem da geografia, apresentando algumas situações no qual foram descrita por esses profissionais que dedicam suas vidas em prol do ensino.

O ensino de geografia contemporâneo, bem como outros ensinos curriculares obrigatórios estão passando por um período de dificuldade, do mesmo modo o ensino em escolas públicas, devido a vários fatores que estão intrínsecos na sociedade até mesmo pelo processo histórico-cultural existente no nosso país.

Com base em Silva (2008), pode-se notar a preocupação com o aluno em torná-los através do ensino de geografia um cidadão consciente e crítico. A maneira correta para chamar a atenção dos mesmos é trazer para sala de aula fatos e formas geográficas com a realidade e o cotidiano dos educandos. No entanto, diante das situações levantadas, de acordo com Silva (2008), surge a necessidade de refletir sobre a forma como a geografia vem sendo aplicada na sala de aula, de modo que seja possível proporcionar ao aluno uma maior oportunidade para que possa ser inserido numa sociedade cada vez mais globalizada e que exige posturas críticas para enfrentar os diversos desafios existentes na sociedade do qual se está inserido.

Ainda segundo Silva (2008), para reverter esse quadro é de suma importância a discussão sobre temas como a prática docente e disciplina nas aulas de geografia, pois oferece tentativas de soluções aos profissionais de ensino dessa área. Com isso, Silva (2008, p. 02), ressalta que os professores buscam “dinamizar sua prática docente, através da análise de algumas das causas da indisciplina, levantadas pelos próprios professores e alunos”, propondo recursos aos principais problemas da prática docente, inserindo conceitos e métodos que podem tornar o ensino de geografia mais agradável aos educadores e educandos.

Em relação à indisciplina dos alunos, segundo Silva (2008, p. 03), constata-se que “esta é fruto de uma série de fatores, desde o despreparo do professor, passando pela falta de estrutura e infraestrutura nas escolas, e até o descaso das próprias famílias em relação à educação cognitiva de seus filhos”, ou seja, a família

é a base da educação moral do indivíduo, e não é só da escola, o papel da educação, ou seja,

a escola tornou-se uma espécie de guardiã dos alunos, e alguns pais entregam seus filhos à escola para que os professores, os orientadores e a direção seja mediadores de conflito que busquem soluções para os problemas, mesmo aqueles gerados no seio da família, pois eles definiram que a escola e os pais alimentam e compram matérias escolares. Seriam uma divisão de tarefas até possível se, ao menos, os pais valorizassem a formação intelectual dos alunos, tanto privilegiando programas de TV informativos quanto adquirindo livros, revistas e jornais. No entanto, sabemos que em muitos lares os pais não compram jornais, não tem hábitos de leitura e escritas e se irritam quando os filhos atrapalham seus programas favoritos - como jogos, novelas ou *reality shows* - que deseducam pela incrível colocação de valores equivocados. (PASSINI, 2007, p. 67)

Em uma escala nacional, a educação vem sofrendo reflexo de uma sociedade cada vez mais dispersas dos princípios morais, familiares e éticos causando possíveis desânimos dos educadores devido a alguns fatores:

- (1) Há um crescente aumento da violência em sala de aula, que se expressa na agressividade verbal do aluno, na apatia do mesmo e no choque de valores morais entre as gerações – professores e alunos.
- (2) Problemas sociais de toda ordem: alimentação inadequada, higiene e saúde pessoal, violência doméstica, falta de perspectiva financeira, falta de objetivo de vida, família ausente, alcoolismo, drogas, criminalidade, demências entre outros problemas.
- (3) Sistema de ensino que inibe a retenção dos alunos, permitindo que alguém quase analfabeto chegue ao último ano do ensino fundamental. (SANTOS, 2009, p. 2-3).

Esses fatores podem dificultar o processo de aprendizagem, tornando cada vez mais difícil as relações professor/aluno dentro e fora da sala de aula, quando muitas das vezes o professor é conselheiro para amenizar estas situações comuns em várias escolas. Com isso o ensino da geografia, ou seja, a matéria propriamente dita fica comprometida, no qual o professor deve driblar esses obstáculos para desempenhar seu papel de educador e formador de opinião.

Com isso Pimenta e Carvalho (2008, p.16) relatam que “estabelecemos uma relação entre as principais correntes do pensamento geográfico e a influência de suas teorias no ensino de Geografia na Educação Básica”, ou seja, as disposições a uma destas correntes são de fundamental importância para escolher a prática pedagógica que mais se enquadra na sala de aula, podendo ser através dos livros didáticos selecionados, textos complementares, apresentação de conteúdos e formas de avaliação.

Segundo Pimenta e Carvalho (2008), a multiplicidade dos conteúdos de Geografia que são interligadas às diversas outras disciplinas, como a Matemática, Ciências, História, Economia, Estatística etc. são considerados como um fator primordial para ampliar as estratégias pedagógicas utilizadas no aprendizado das disciplinas. Tendo visto que dessa forma o professor ao conhecer os conflitos, as divergências e a pluralidade de ideias desta disciplina, estará mais apto e confiante para escolher seu próprio caminho e alcançar o sucesso em seu trabalho.

Por outro lado, como Pimenta e Carvalho (2008, p. 2) enfatiza, “a dificuldade com o objeto de estudo da Geografia é assunto debatido em todos os eventos da disciplina”. Levantou-se recentemente nos níveis básicos uma disputa acirrada sobre as implicações destes conflitos epistemológicos no ensino da Geografia, sendo que muitas vezes,

os livros didáticos são a principal (e às vezes única) fonte de informação dos professores e passam ao longo do tempo por crises em sua abordagem. O caráter ideológico da Geografia pode transformá-la em um instrumento legítimo de construção da cidadania ou em um panfleto contestador mal elaborado e ineficiente. A definição do papel do professor, diante da complexidade dos conteúdos da disciplina, torna-se um mediador da leitura de mundo dos alunos em uma sociedade em constante transformação. (PIMENTA e CARVALHO, 2008, p. 2)

Pensando nisso, é de suma importância que o professor adapte os assuntos dos livros para seu cotidiano, inserindo formas que possa chamar a atenção dos discentes como aponta Andrade (1989, p. 57), o professor necessita ter a consciência de que não está limitado apenas ao livro didático, ou seja, tem que utilizá-lo “considerando as peculiaridades das várias turmas para às quais leciona, de acordo com interesse e a capacidade de assimilação das mesmas”.

Ainda para Andrade (1989), deve-se levar em conta que um país vasto como o Brasil, que geralmente tem o livro didático escrito nos estados mais desenvolvidos, os alunos do sudeste, por exemplo, tende a refletir a visão e as impressões dominantes nessas áreas mais dinâmicas.

Com relação à contribuição dos parâmetros curriculares para o Ensino de Geografia, no qual proporcionam aos professores um amparo para o planejamento e execução das suas práticas docentes, uma vez que o professor é conhecedor do público alvo e também participou da construção do Programa Político Pedagógico (PPP), contudo podemos reescrever que,

É fundamental, assim, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmo: observar, descrever e comparar servem para construir noções, espacializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas. Enfim, para conhecer e começar a operar os conhecimentos que a Geografia, como ciência, produz. (BRASIL, 1998, p. 30).

Tendo em vista que o mundo globalizado é repleto de desafios para o ensino de geografia, para Pimenta e Carvalho (2008, p.15), “a formação do professor é fundamental para o sucesso no ensino da disciplina na educação básica, sempre impulsionada por novas tendências, novas práticas e novos desafios”.

Sendo assim, será abordada no próximo capítulo a prática de estágio que possa ser a base para formações de professores de sucesso.

CAPITULO II

PRÁTICA DE ESTÁGIO

Neste capítulo serão abordados conceitos sobre o estágio supervisionado obrigatório, visando sua importância para os futuros professores que atuaram nas escolas do ensino fundamental de geografia, para que neste momento do estágio seja possível observar na prática o que é estudado na faculdade.

2.1 ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

Para Pimenta (2009, p. 21) “por estágio curricular entende-se as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho”, sendo muito importante na formação profissional de diversas áreas, uma vez que é um dos primeiros contatos com a prática de maneira formal, da então escolhida futura profissão. Este momento é esperado com muito anseio por parte dos formandos, sendo que as expectativas são as mais variáveis na educação, bem como na geografia.

A Resolução CNE/CP 2, (Conselho Nacional de Educação), de 19 de dezembro de 2002, designa a duração e carga horária dos cursos de formação de professores sendo que em seu Artigo 1º, Parágrafo II, define que o estágio curricular supervisionado deve contemplar “400 (quatrocentas) horas tendo início a partir da segunda metade do curso”.

Talvez a maior preocupação dos licenciandos seja a forma que os professores regentes e os alunos vão lhe receberem, assim como a escola em geral, sendo que

é um desafio muito grande a busca de parceiros nas escolas receptoras e sempre nos sentimos invasores de um espaço murado, com organização própria, com sujeitos de diferentes idades em formação, os quais mantêm uma rotina complexa. O espaço escolar é social, e torná-lo mais produtivo depende não só dos sujeitos, mas, fundamentalmente, dos sujeitos investigadores, que o observam e analisam suas possibilidades de mudança. (PASSINI, 2007, p. 11)

Podem encontrar diversas receptividades, na maioria é a resistência equivocada imposta por professores “tradicionais”, que podem estar nas escolas há anos e inibem as ideias e vontade do estagiário em aplicar o conhecimento

adquirindo no decorrer da sua vida acadêmica. Essa experiência deveria ser uma troca de conhecimentos conforme Passini (2007, p.14) afirma, que caracteriza o estágio como uma “formação continuada para os professores regentes, associada à formação inicial dos alunos estagiários”. Dessa forma, o professor regente poderia utilizar a aula ministrada como objeto de análise, investigação e reflexão.

Ainda segundo Passini (2007, p. 14), essa observação contribui para melhorias contínuas do ensino, sendo que “o olhar sobre a prática de sala de aula, e mesmo – de forma mais ampla – sobre o espaço escolar, leva-nos a pensar em inúmeras possibilidades desafiadoras para provocar mudanças”.

Da mesma forma em que o professor regente possa fazer essa observação, os estagiários também fazem em busca de novos aprendizados, isso pode ser o motivo que possa levar muitos professores a “não gostar” dos estagiários, pois se sentem avaliados por eles a todo o momento, porém,

a nossa responsabilidade com o ensino adquire outra dimensão quando trabalhamos com estagiários que observam nossas aulas e depois nos auxiliam para aprender conosco. Não temos receitas a passar a esses licenciandos em busca de respostas para seus anseios de profissionais em formação inicial. Não sabemos como dar aulas maravilhosas como eles esperam. Estamos construindo nosso cotidiano profissional também com dúvidas, pesquisas e, principalmente, a observação de nossos alunos para entender principalmente como eles pensam e constroem o conhecimento. (PASSINI, 2007, p. 14)

Outro ponto que pode ser muito importante está relacionado com a autonomia que os estagiários devem apresentar dentro das salas de aulas, ou seja, no momento que o mesmo está em regência, mesmo como o professor titular presente, os estagiários necessitam manter a ordem de maneira que a aprendizagem possa fluir naturalmente.

Por outro lado, segundo Passini (2007), devido muitos dos estagiários executarem seus estágios em várias salas, isso dificulta o processo, até mesmo o não conhecimento da turma e da estrutura e da escola. Com isso, os planos de aulas feitos por eles podem não levar em consideração essas características peculiares de cada turma, ou também não possuem base de tempo. Assim, os planos que prepararam, ora eram poucos, ora eram muitos, dos quais não conseguem ministrar em uma só aula, ou por sua vez insuficiente, deixando os alunos ociosos, provocando uma lacuna no aprendizado. Dessa forma,;

há licenciandos que têm dificuldades em analisar seriamente o espaço da sala de aulas e da escola no seu todo e veem somente os defeitos e, muitas

vezes, pouco colaboram com o professor da classe na compreensão do ensino da disciplina. Isso realmente é mais um problema para o professor já desgastado pelo descaso com que a escola pública vem sendo vista. Mas há também professores que, ano após ano, devido ao compromisso que mantêm com a escola e com seus alunos, realizam projetos integrados extremamente interessantes e que são por nos indicados para receber estagiários. Hoje são esses mesmos professores que questionam a presença do estagiário analisemos suas reflexões. O fato de ter estagiários aumenta o número de horas de permanência na escola, pelas necessidades de atendê-lo com seriedade e discutir o próprio trabalho pedagógico; eles, juntos com os professores (...) estão contribuindo para formação do futuro profissional e não recebem nada para fazê-lo. Consideram apenas sobretrabalho. (PICONEZ, 1991 p. 122).

Essas dificuldades enfrentadas pelas comunidades escolares podem ser minimizadas através de projeto de extensão. Porém, segundo relata Passini (2007), que as faculdades e “os alunos dos cursos de licenciatura em Geografia raramente desenvolvem projetos de pesquisa destinados a compreender e propor alternativas para melhorias da qualidade no ensino fundamental e médio”. Quando isso ocorre, geralmente as apresentações de tais ações se dão em congressos e seminários, onde a presença do professor da educação básica é menor, então não há retorno para a escola.

É de suma importância que as escolas façam parcerias com as faculdades em busca de realizar projetos que visam melhorias na prática de ensino tanto para os acadêmicos quanto para os alunos da educação básica, como descreve a professora acadêmica.

a participação em alguns eventos científicos de Prática de Ensino de Geografia nos permitiu perceber que a escola pública do ensino fundamental e médio tem muito a contribuir com o curso de licenciatura, e a troca que se estabelece traz possibilidades de atualização teórica e metodológica para aulas de Geografia na educação básica. (PASSINI, 2007 p. 19)

Com isso, as comunidades escolares e universitárias tendem a ganhar vários benefícios, tendo em vista que esses projetos tornam-se um hábito entre a escola/universidade. Dessa forma, os futuros professores tenham mais contato com o cotidiano escolar, e os alunos por sua vez despertam o interesse na vida acadêmica, tornando ao mesmo tempo fácil a prática do estágio nas escolas de educação básica. A seguir, apresentam-se algumas experiências práticas adquiridas em estágio do ensino fundamental.

2.2 ESTÁGIO COMO PRÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Como aponta Barreiro (2006), iniciaram-se muito cedo os desafios e as buscas dos professores e alunos para assemelharem significados que dizem respeito aos conteúdos aplicados nas escolas. Um fato corriqueiro que as crianças nas séries iniciais do ensino fundamental questionam é sobre como utilizarão e para qual finalidade serve o conteúdo que aprendem.

Segundo a consideração de Metz (2011), sobre as novas possibilidades que de fato geram reais aplicações durante o estágio, se faz necessária a utilização da leitura reflexiva, resgatando a importância da ludicidade e do planejamento, promovendo então o diálogo em sala de aula. O professor tem o papel de ser o mediador da aprendizagem e estimulador da inteligência dos alunos, ou seja, esse fato não ocorre somente por meio da transmissão do conteúdo, mas sim por iniciativas de aplicar atividades práticas que proporcionem a participação do aluno nesse processo educativo.

De fato existem coisas que não se aprendem somente nas escolas, mas com a interação do mundo físico e social. O ensino de uma maneira lúdica exige dedicação e compromisso por parte do professor para organizar o planejamento sobre o que, para quê e para quem ensinar.

De acordo com Arroyo (2008), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação esclarece que é a função docente facilitar o pleno desenvolvimento dos educandos. No entanto, os professores mostram-se com dificuldades e declaram que não tiveram preparação suficiente na graduação para essa formação específica. Contudo, o estágio supervisionado contribui para que esse professor iniciante não se surpreenda sem ter tido o contato inicial com a sala de aula.

De fato, é difícil dominar todas as áreas do conhecimento, mas é possível aprender reeducando a escuta e isso se dá na conversa com o próprio percurso, ou seja, na leitura acerca das próprias práticas e, também, de teorias que abordam o assunto. Assim, o estágio supervisionado, articulado com as demais disciplinas, ganha consistência na formação acadêmica e possibilita o saber-fazer no momento da atuação profissional, caminhando para a abolição da expressão “na prática, a teoria é outra”. (METZ, 2011, p.98)

No ensino fundamental, principalmente nas séries iniciais, os alunos estão acostumados com um único professor (a), ou seja, o (a) pedagogo (a), que em

muitas vezes os acompanharam desde o primeiro contato com a escola/creche. Essa realidade deve ser preocupação por parte dos estagiários, que necessita estar preparado para lidar com os desafios a eles impostos.

Como destaca Metz (2011, p. 97), para esses profissionais que escolheram atuarem nos anos iniciais do Ensino Fundamental necessita “compreender o desenvolvimento infantil e sua singularidade”. Também ter consciência do público alvo, dessa forma “sempre se deve lembrar é que atuar nessa etapa de ensino refere-se a trabalhar com estudantes que são crianças”, e seus direitos sociais precisam ser assegurados e defendidos, principalmente pelos professores conforme relato do Ministério da Educação:

é preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender a brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e que saibamos, em ambos, ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes (BRASIL, 2007, p. 20).

Ainda segundo Metz (2011, p. 97), por mais que no Ensino Fundamental “utilizem-se os termos “aluno” e “estudante”, no que dizem respeito à faixa etária, tais alunos são crianças, que requerem ações pedagógicas específicas para a idade em que se encontram”. A função do professor nas séries iniciais é ser o mediador do ensino/aprendizagem estimulando a inteligência dos mesmos, Metz (2011, p. 97), ainda ressalta que “isso não acontece apenas pela transmissão de conteúdos, mas, sim, por meio de atividades práticas que possibilitem a participação ativa do aluno no processo educativo”. As atividades dinâmicas devem ser aplicadas nas aulas para que possibilitem a interação em prol do conhecimento.

O próximo tópico trata-se do estágio em geografia, no qual abordaremos sobre a necessidade do professor ser o mediador do ensino/aprendizagem em geografia nas séries iniciais, tendo em vista que o futuro professor necessita estar preparado, já que as suas formações não se limitam apenas no curso de graduação, mas sim no decorrer de toda a vida profissional.

2.3 ESTÁGIO EM GEOGRAFIA

Com relação ao estágio obrigatório de geografia, Bittencourt (2007, p. 88) descreve como uma das fases mais importante na graduação de licenciatura, pois

“constitui-se num meio privilegiado de integração entre a teoria e a prática, tornando-se fator decisivo na formação profissional do licenciando”.

A experiência pelo primeiro contato com as diversas e contraditórias realidades escolares traz, aos alunos do curso de graduação em geografia, a expectativa da construção de sua identidade como professor, de como ser um bom docente e certa preocupação a cerca da realidade social de seus alunos. (BITTENCOURT, 2007, p. 92)

Como futuros geógrafos e também futuros educadores, os estagiários devem se preocupar com seus também futuros alunos, como enfatiza Bittencourt (2007 p. 92), “como uma atividade social, a expectativa dos estagiários, também, circula em torno de questionamentos, comuns, acerca da realidade social de seus futuros alunos”. O autor continua colocando que,

os mesmos se questionam se estarão preparados para lidar com situações como a deficiência física, a fome, a violência doméstica, entre outros problemas reais que possam vir a dificultar o processo de aprendizagem de seus discentes. (BITTENCOURT 2007, P.92)

O estagiário está perante os seus desafios futuros que permeiam sua profissão. Com isso, Bittencourt (2007, p. 92) relata que “futuros professores são confrontados com a necessidade de definirem novos saberes e práticas”. No entanto, o estágio proporciona aos futuros professores o confronto “com tais realidades, de modo que possam desde então edificar percepções que num futuro próximo lhes proporcionem o exercício de uma prática docente que seja, de fato, humana e justa”.

A prática adquirida no período de estágio pelo então futuro docente de geografia pode ser essencial. Conforme relata PIMENTA (1997, apud, BITTENCOURT 2007, p. 45) “a educação é um processo de humanização, que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante”.

Bittencourt (2007, p. 92) enfatiza que “a prática não pode ser inventada pela teoria, os saberes adquiridos durante a formação acadêmica são, apenas, os alicerces para a construção desta prática” e a troca de experiências entre os alunos e colegas de profissão, e para Bittencourt (2007, p. 92), “a formação docente um eterno fazer-se”, uma vez que “nós como seres humanos estamos em constante construção”, com isso, os professores devem ser flexíveis com a dinâmica encontrada em seus afazeres, bem como diversas culturas, costumes e saberes.

Passini (2007, p. 29) completa que “o ensino é fundamentalmente baseado na relação entre experiência acumulada na prática e teoria construída, que a fundamenta direta ou indiretamente”. Para tornarmos-nos docentes, “precisamos construir conhecimento profissional, que não é algo pronto e que podemos compreender apenas estudando a experiência dos outros”. Portanto, ao longo da vida profissional, as experiências e conhecimentos metodológicos serão adquiridas pela vivência em sala de aula, ou seja, tarefa que com certeza o professor licenciado em geografia não terá dificuldade, pois a percepção crítica deve permanecer intrinsecamente nesse profissional.

Nota-se que essa observação deve também ocorrer durante o estágio supervisionado em Geografia, como Passini (2007, p. 29) ressalta, que o “desempenho docente dependerá não exclusivamente, mas grande parte, do nosso histórico acadêmico e das reflexões sobre a prática de ensino nos momentos em sala de aula, o estágio supervisionado”.

Neste sentido, destaca-se o histórico acadêmico do estagiário, para que possa ser o diferencial nas aulas de estágio, ou seja, chegou o momento de aplicar a teoria adquirida durante a graduação, de forma em que desenvolva habilidades e atitudes que estão relacionadas às atividades de docência. Com isso, destacará aqueles formandos que por sua vez deram ênfase aos conteúdos a eles transmitidos pelos seus mestres no decorrer do percurso acadêmico, bem como as contribuições das pesquisas, ora realizadas em busca de agregar conhecimentos que passa a ser esse diferencial na formação profissional do futuro professor.

Ainda para Passini (2007, p. 29), é necessário que o professor regente bem como as relações dos alunos, funcionários durante a aula e também no pátio no momento do intervalo, “enfim, das relações sociais visíveis e invisíveis”. O futuro professor deve ser conhecedor desse espaço e ter o compromisso por toda sua carreira, pois, relembra Passini (2007, p. 29), que “a formação do professor não termina com a finalização do curso, ela é contínua e exige constante atualização”.

Para melhor compreensão do estágio supervisionado realizado nas escolas públicas, será apresentado no próximo capítulo a pesquisa realizada em busca de levantar as principais opiniões de professores e alunos quanto ao conceito do estágio supervisionado em geografia.

CAPÍTULO III

O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

No terceiro capítulo será apresentado “A Experiência Prática do Estágio no Ensino Fundamental”, fundamentada na pesquisa realizada na Estadual Padre Ezequiel Ramin, localizada no município de Juína/MT, do qual apresenta-se através de gráficos os resultados obtidos.

3.1 METODOLOGIA APLICADA NA PESQUISA

Para atingir os objetivos propostos pelo estudo, utilizou-se uma metodologia que buscasse a maior profundidade possível na temática proposta. Para isso o trabalho de pesquisa organizou-se através de etapas em busca dos resultados esperados.

O Processo Metodológico iniciou-se com a delimitação do tema, que devido à necessidade de apresentar o quanto é importante um graduando em geografia ter o contato com a sala de aula, antes de ser realmente licenciado a exercer a profissão, tendo em vista que o estagiário necessita estar preparado para ser o intermediador do processo de ensino e aprendizagem.

Após, realizou-se a elaboração do projeto de pesquisa para nortear a realização do estudo, a fim de concretizar as ideias, problemáticas, hipóteses e possíveis soluções para os problemas ainda enfrentados pelos estagiários.

Deste modo, realizou-se a pesquisa de campo na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramim, localizada no município de Juína/MT. A pesquisa foi aplicada para alunos do ensino fundamental que estão no 7º ano, “A” (1ª fase do 3º ciclo), com média de idade de 12 anos e com seis professores regentes de geografia.

Ao chegar à escola, primeiramente foi solicitada a permissão da diretora para a execução da referida pesquisa. Depois de autorizado, o professor tomou os devidos conhecimentos do propósito, que imediatamente comunicou a sala; em seguida; distribuiu-se o questionário que então foram sendo respondidos pelos alunos.

Na sala estava presente uma estagiária, que auxiliou na aplicação da pesquisa, no qual foi possível observar a relação da formanda com os alunos, sendo que durante o questionário os alunos mencionaram e relacionaram por várias vezes o nome da acadêmica presente.

Após o término da pesquisa com os alunos, os professores responderam os questionários a eles propostos, alguns fizeram apontamentos verbais com relação aos estagiários que já havia por ali trabalhado, no qual se pode observar os gráficos exposto no decorrer deste trabalho.

Por fim, buscou-se articular as informações adquiridas em levantamentos de forma concisa através de gráficos e comentários, expondo assim os resultados adquiridos na pesquisa de campo executada na escola.

3.2 A EXPERIÊNCIA PRÁTICA DO ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96), o Estágio Supervisionado de Licenciatura em Geografia faz-se necessário à formação profissional, em busca de preparar o futuro professor para o mercado de trabalho, no qual será licenciado. Desse modo, o estágio oferece a oportunidade do acadêmico de colocar em prática as teorias que, com o tempo, foram passadas a ele em sua formação, fortalecendo-o para vida profissional e pessoal.

Deste modo, utilizou-se o relato das atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, do curso de Licenciatura em Geografia – AJES. O estágio foi realizado no ano de 2011, na escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, conforme legislação vigente.

Durante o estágio supervisionado buscou-se ser mediador no processo cognitivo, fazendo com que os discentes tivessem interesses nos temas das aulas, no qual foi desempenhado o papel de facilitador entre os conteúdos e educandos, fortalecendo o processo de construção de cidadania. Além disso, é fundamental que o futuro professor tenha consigo a plena função social, o seu papel de intermediador na construção de conhecimentos em prol de uma sociedade mais igualitária.

Nas salas onde as aulas eram realizadas com base no livro didático, realizaram-se a leitura e compreensão dos textos, tendo visto que os mesmos foram convertidos para a realidade local. Além do livro didático, as aulas foram ministradas com utilização de recursos da tecnologia, como computadores para pesquisar sobre os assuntos abordados, apresentações de mapas, globos, atlas e *slides* para melhor visualização e compreensão.

Desempenharam-se também em parcerias com outros professores, um projeto em prol ao meio ambiente, praticando assim uma interdisciplinaridade. As aulas de campo tornaram-se uma ferramenta metodológica essencial para a geografia, pois possibilitou que os alunos visualizassem o tema abordado em sala pelo professor estagiário, principalmente nos aspectos físicos.

A concretização do Estágio Supervisionado do Ensino fundamental, ocorrido na Estadual Padre Ezequiel Ramin, teve grande relevância na formação acadêmica observada com o passar dos dias na execução do mesmo, dando oportunidade de conhecer as realidades enfrentadas nas escolas públicas. Sendo que as experiências adquiridas durante esse período são de suma importância para a vida profissional e pessoal do futuro professor, uma vez que por vontade própria muitos optam por tornarem-se professores de geografia, e com o término do estágio supervisionado do ensino fundamental notam o acerto na escolha acadêmica.

Como experiência no estágio em (2011), pode-se relatar sobre o ocorrido em sala através da fala do estagiário, “quando me despedia da turma e as crianças da 5ª série, por vontade própria, me saudaram com uma salva de palmas. Foi emocionante, naquele momento tive a certeza que estava fazendo a coisa certa e dando meu primeiro passo na formação de cidadãos”.

O Estágio Supervisionado tem caráter de complementação do aprendizado obtido no decorrer da formação, proporcionando o contato do acadêmico com a prática cognitiva desenvolvida nas escolas, podendo destacar ainda, que o futuro professor esteja seguro e preparado para desenvolver suas atividades profissionais no período de pós-formação, uma vez que o estágio deu-lhe a oportunidade de conhecer como se realiza a aplicação da Geografia no Ensino Fundamental.

Contudo, beneficiará o professor na caminhada docente, com maior segurança na intermediação do conteúdo de maneira clara e objetiva aos seus

discentes, no qual, o profissional deverá aplicar suas experiências em prol da formação social e cultural, de forma que se busque sempre a melhoria e o aperfeiçoamento de seus conhecimentos em uma formação continuada na procura da melhor construção do saber. Percebe-se que é o principal objetivo do estágio fazer profissionais preparados para o ensino, desde seu primeiro contato com a sala de aula.

No próximo tópico apresentam-se os gráficos oriundos de pesquisas, feitas na Escola Estadual Padre Ezequiel Ramin, no município de Juína/MT, nos quais se retratam sobre a realidade encontrada nas aulas de geografia.

3.3 A ATUAÇÃO DO ESTAGIÁRIO NA PERCEPÇÃO DO PROFESSOR E ALUNO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Em busca de respostas que foram levantadas com esse trabalho, foi realizada uma pesquisa com professores que atuam no ensino fundamental. O questionário era composto por nove (09) questões, sendo entrevistados seis (06) professores da rede pública de ensino.

Dos entrevistados apenas um (01) relata que não havia trabalhado com estagiários, porém destaca-se que o mesmo tinha apenas cinco (05) meses de atuação no momento da entrevista. Por isso, foram apuradas apenas as respostas dos Cinco (05) professores que já tinham trabalho com estagiários e que juntos deram uma média de 18,4 anos de dedicação às escolas. Sendo assim, respondendo a pergunta número um (01), todos já foram regentes de estagiários.

Os resultados da pesquisa feita com os professores estão expressos e comentados nos gráficos a seguir.

De modo geral, é muito importante conhecer o que os professores percebem com relação ao domínio dos conteúdos pelos estagiários. Dessa forma, o Gráfico 01 apresenta 50% dos entrevistados que entendem que os estagiários dominam o conteúdo, sendo os outros 50% entendidos que esse domínio ocorre às vezes.



Gráfico 01: Domínio de conteúdo
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

No Gráfico 02, é apresentado o compromisso dos estagiários com as turmas. Com relação ao compromisso que os estagiários normalmente desempenham com as turmas na qual realizam sua prática de estágio, foi levado em consideração assiduidade com os horários de aula, elaboração de planos de aulas e conduta. Este gráfico expõe a opinião dos professores, na qual 80% relataram que os estagiários tiveram compromisso, porém 20% apontaram que o compromisso era só parcial.

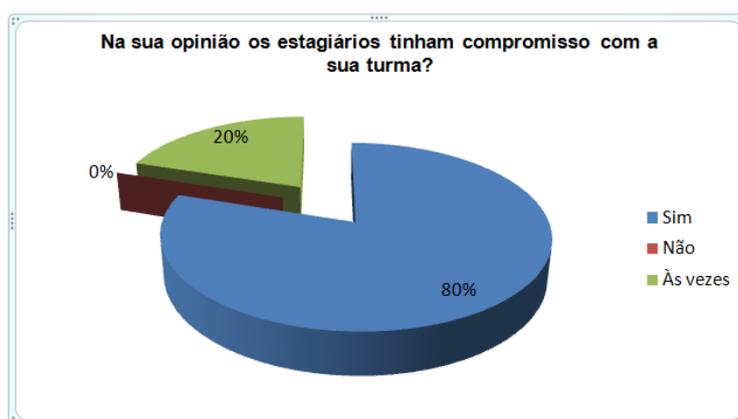


Gráfico 02: Compromisso com a turma
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

O próximo tema levantado é a utilização de recursos. O Gráfico 03 a seguir apresenta os tipos de recursos que são utilizados mais frequentemente pelos estagiários. Com isso, o Gráfico 03 expõe que 45% dos professores responderam que predominou o uso do quadro negro, giz e livro didático, e 33%, apontaram que as aulas foram lecionadas com projeção em data show, e somente 22% relataram que os estagiários ministraram aulas com recursos didáticos diferenciados como jogos, filmes e músicas.

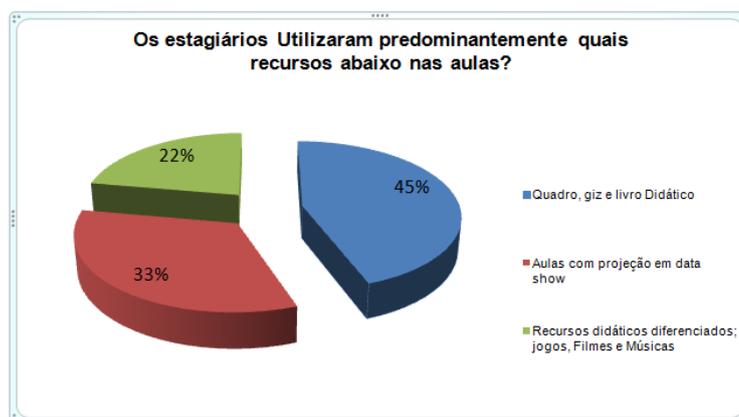


Gráfico 03: Recursos em aulas
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

O gráfico 04 apresenta o uso de materiais diferenciados, no qual foi questionado sobre o uso de recursos diferenciados pelos estagiários nas aulas, sendo que 60% disseram que sim e 40% expuseram, que às vezes eles utilizam. Nenhum entrevistado considerou que os estagiários não utilizam recursos diferenciados.

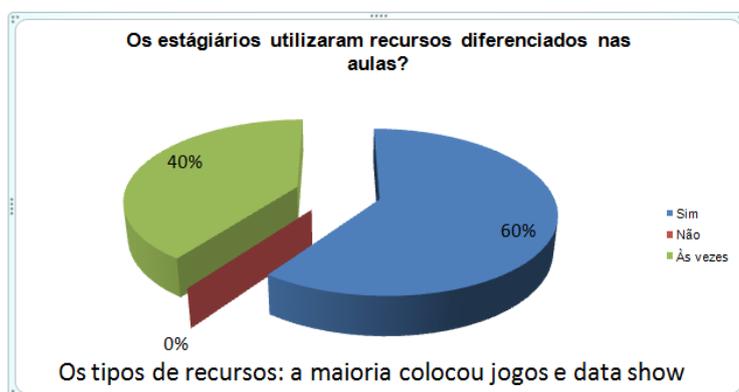


Gráfico 04: Recursos diferenciados
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

O Gráfico 05 apresenta o desempenho dos estagiários na opinião dos docentes, que sobre os desempenhos dos alunos estagiários em sala de aula, os professores relataram que 60% das aulas aplicadas tiveram o conceito bom, tendo em vista que 40% se dividiram em percentagens iguais, insuficiente e regular, não apresentado na pesquisa nenhuma porcentagem de ótima e excelente.



Gráfico 05: Desempenho
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

As possíveis melhorias a ocorrer com os futuros profissionais nas práticas de estágio, expostas pelos professores, seguem representadas, a seguir, no Gráfico 06, que questionou os aspectos a serem melhorados em se falando de estagiários, segundo os professores, e de acordo com as opções pré-estabelecidas, 37% relataram que os estagiários devem dominar os conteúdos, 25% apontaram a postura em sala da aula, outros 25% designaram com os planejamentos de aulas e os outros 13% escolheram pontualidade, aspectos quais devem ser melhorados pelos formandos.



Gráfico 06: Melhorias
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

Pensando nisso, para facilitar o estágio supervisionado em geografia e a importâncias de projetos e parcerias entre escola/universidade, os próximos gráficos apresentarão a opinião dos professores acerca de tal articulação. Foi inserido questionamento sobre a articulação entre os dois níveis de ensino para se ter um panorama dos projetos entre escola/universidade, será que realmente ele vem ocorrendo? De maneira satisfatória, a resposta no Gráfico 07 exhibe que 80% foram

sim e apenas 20% relataram que não se lembram. Entre os que já presenciaram a parcerias, 50% relataram das parcerias da AJES, como a faculdade e os outros 50% outras instituições.



Gráfico 07: Parcerias de instituições acadêmicas e escolas
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

No Gráfico 08 trata-se da importância desses projetos na opinião dos professores, no qual foi questionada aos docentes qual a importância das parcerias que visam melhorias na relação escola/universidade, 60% alegaram que é ótimo, no qual os demais 40% escolheram o conceito excelente, de modo que as opções, sem importância, regular e bom, não foram escolhidas pelos docentes.

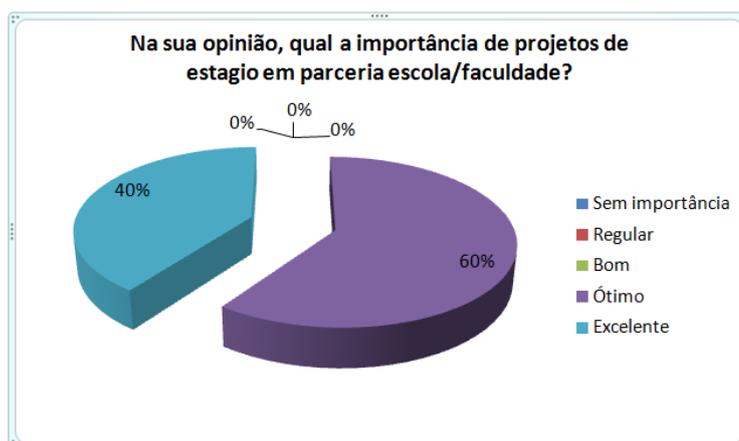


Gráfico 08: Importância de projetos
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

A seguir é apresentada a pesquisa exultada em sala de aula, onde se pode conhecer a percepção do aluno sobre a atuação do estagiário.

A pesquisa realizada em sala de aula contou com a presença de 19 alunos na faixa etária de 12 anos e se desenvolveu na turma do 7ª Ano "A" (1ª fase do 3ª

ciclo), sendo que um (01) não conseguiu responder o questionário deixando-o em branco.

A pesquisa era composta por nove (09) questões, sendo seis (06) de múltiplas escolhas e três (03) dissertativas. Será apresentado a seguir em gráficos sobre as questões de múltiplas escolhas. Da mesma forma dos professores, todos os alunos responderam positivamente a questão numero um (01), que perguntava se já tiveram estagiários.

Com algumas perguntas semelhantes ao questionário dos professores, os alunos responderam conforme os gráficos abaixo. No que se refere ao domínio de conteúdo pelos estagiários, conforme o Gráfico 09 a seguir, segundo os alunos apenas 26% disseram que dominam o conteúdo e 74% relataram que às vezes os estagiários tiveram propriedade do que dizem em sala de aula.



Gráfico 09: Domínio de conteúdo segundo os alunos
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

A seguir, no Gráfico 10, aborda-se a opinião dos discentes referente ao compromisso dos acadêmicos, a avaliação dos alunos referente o que possa ser uma das qualidades presente nos estagiários que é compromisso com a turma, no qual 79% disseram que os formandos têm sim compromisso e 16% relataram que às vezes, e apenas 5% disseram que os estagiários não têm compromisso com a turma.



Gráfico 10: Compromisso com a turma na percepção dos alunos

Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

Os próximos gráficos apresentam os tipos de recursos que mais são utilizados pelos estagiários conforme apontaram os discentes, o Gráfico 11 traz os recursos que são utilizados em salas de aulas pelos estagiários. 95% dos alunos responderam que os estagiários utilizaram o quadro negro, giz e livro didático e somente 5% apontaram que os estagiários utilizaram a projeção de *data show*.



Gráfico 11: Recursos em salas segundo os alunos

Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

O Gráfico 12 exibe que ao ser questionado se os estagiários utilizaram recursos diferenciados, 68% dos discentes disseram que sim, 21% não e 11% às vezes. Entre os que disseram sim apontaram as dinâmicas e maquetes. Pode-se observar uma contradição entre o resultado do gráfico 11 e no gráfico 12 (a seguir), que pode ser caracterizado uma interpretação distorcida da questão por parte dos alunos.

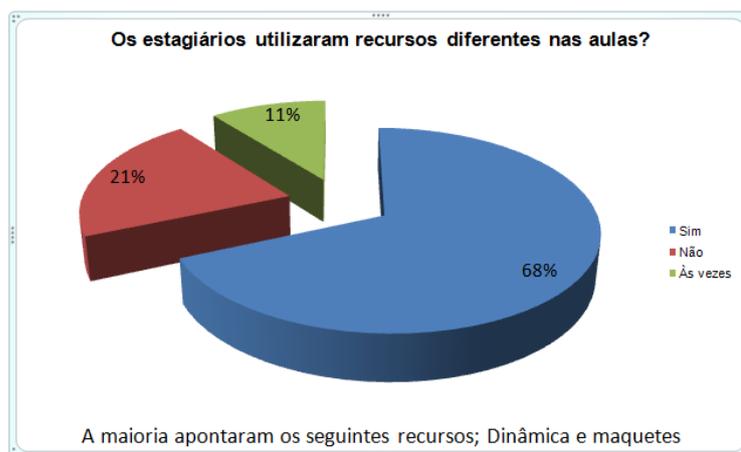


Gráfico 12: Recursos diferenciados segundo os alunos
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

Por fim, o último gráfico mostra a análise dos alunos sobre as aulas dos estagiários, sendo que 42% apontaram as aulas como ótimas, 53% como boas e 5% regulares. Dessa forma, a resposta péssima não foi mencionada por nenhum aluno.

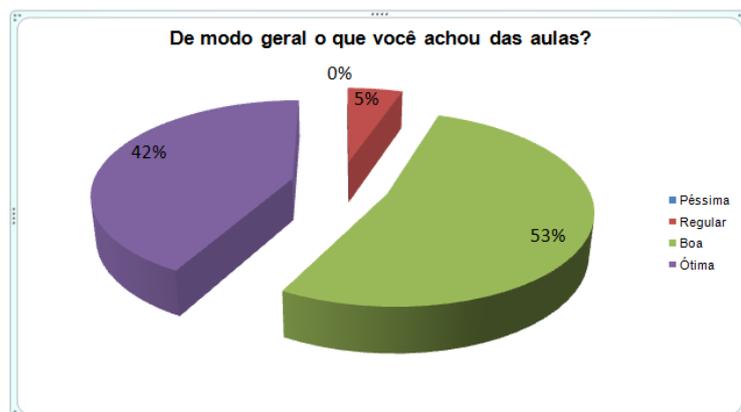


Gráfico 13: Avaliações de aulas
Fonte: OLIVEIRA, Lucélio Claudio de (2013)

Os resultados apresentados foram satisfatórios, mas, ainda pode-se mencionar a dificuldades que são presentes no cotidiano escolar. Pensando nisso apresenta-se no próximo tópico as dificuldades enfrentadas pelos professores da rede pública de ensino.

3.4 DIFICULDADE E POSSIBILIDADE DE CRESCIMENTO

Nos dias contemporâneos, as dificuldades encaradas pelos professores são as mais diversas, conforme relatado anteriormente neste trabalho. Porém, não foi relatado um dos problemas atuais que os professores estão enfrentando, o uso das

tecnologias de maneira irregulares pelos alunos, queremos dizer os computadores, *tablet*, e principalmente os celulares.

Este último está sendo considerado na atualidade como o grande 'vilão' nas salas de aula. Pois, além das funções de comunicação, o mesmo está sendo utilizado dentro de sala de aula para ouvir músicas de modo que;

a rotina de sala de aula passa por sério problema, pois depois de revolução tecnológica houve uma grande explosão no número de celulares dentro das escolas, sendo que atualmente é difícil encontrar um aluno que não tenha um celular. Alguma vezes é encontrado até com dois aparelhos, um para utilização normal como um telefone e outro para ouvir musica. (EVANGELISTA, 2012, p. 65)

Ainda para Evangelista (2012), associado à vida que a sociedade leva, esse tipo de aparelho, juntamente com acessório (fone de ouvido), está presente no cotidiano destes alunos, mesmo que não tenham uma vida economicamente ativa, esse estilo foi imposto pelos dias modernos da atualidade.

No cotidiano escolar é comum encontrarmos com alunos fazendo uso deste, conforme Evangelista (2012, p. 65) enfatiza, que “entre uma atividade ou outra na sala de aula, sendo estes um dos grandes vilões dos professores atualmente, pois os mesmo podem tirar completamente atenção dos alunos do conteúdo, na sala de aula”.

Entre tantas dificuldades estão às peculiaridades das escolas de ensino públicos brasileiras, causadas pelo descaso advindo do poder público. Isso com precariedade em termos de materiais didáticos, qualidade da merenda, condições de trabalho do professor e baixa remuneração.

Porém, cabem aos professores, diretores, pais, enfim a comunidade escolar como um todo, virar essa situação através da elaboração e execução plena de um bom Plano Político Pedagógico (PPP), que relate a real situação da escola e da comunidade escolar. De modo que todos participem de sua elaboração, principalmente os professores de geografia, uma vez que os mesmos têm como dever central, ter uma visão sistêmica da sociedade escolar como um todo.

Percebe-se que a população deve ter uma convivência amistosa com a escola em uma troca mútua de conhecimento, no qual o papel dos professores como educadores é de suma importância, pois são eles os formadores de opiniões. Então, cabe aos mesmos instigar os alunos para que juntos busquem melhorias contínuas para vida escolar.

Cabe também a comunidade escolar como um todo, diretores, professores, alunos e funcionários buscarem soluções para essas melhorias.

Abaixo apresentam-se algumas alternativas para melhorias na prática de ensino de geografia, em que o professor tem um papel indispensável neste contexto.

3.5 ALTERNATIVAS PARA MELHORAR A PRÁTICA DE ENSINO

Anteriormente foi colocada a tecnologia, quando mal utilizada, como um estorvo em sala de aula, mas apresentam-se a seguir maneiras para que a mesma passa contribuir com o dia-dia escolar. Conforme expõe Faria (1999, p. 03), “na sala de aula o uso do computador melhorou a qualidade da apresentação das lâminas do retroprojetor, através do aplicativo PowerPoint”, de maneira que o professor possa apresentar *Slides* com mais riquezas de detalhes, fotos, gráficos, tabelas e vídeos educativos utilizando o Projetor Digital (*Data Show*).

Contudo, o professor deve reaplicar os dados obtidos na realidade da escola/turma, segundo Faria (1999, p. 04), “ao criar o ambiente de aprendizagem, o professor coordena o processo de análise e crítica dos dados apresentados, contextualiza-os, transformando a informação em conhecimento”.

O professor de geografia pode utilizar de maneira coerente algumas ferramentas de apoio nas aulas práticas como os Sistemas de Informação Geográfica (SIG), e também *Software* gratuito como o *Google Earth*, e segundo Xavier (2012, p. 26), o *Software Google Earth*, “pode viabilizar a transversalidade dos conteúdos” através das “imagens que representam a dinâmica usual do espaço geográfico”. Dessa forma, o autor relata que,

O professor pode trabalhar hidrografia visualizando um rio próximo a sua cidade, urbanização visualizando a malha urbana de seu município, correntes marítima visualizando o oceano que convier. Seus podem revolucionar a cartografia, tornando-a totalmente dinâmica, criando interação do aluno com o tema por meio de visualização real do fenômeno, com imagens claras do objeto. (XAVIER, 2012, p. 26)

Ainda Xavier (2012) enfatiza que a utilização deste *Software* é bem simples sendo que qualquer pessoa possa fazer o seu uso eficiente, pois possui uma interface de fácil entendimento, ou através de leitura do seu tutorial, se entende suas funções. Com isso, o professor só utilizará alguns objetos, segundo Xavier (2012, p.

26), serão o “projektor Multimídia, um computador com *software* instalado e operando normalmente, uma conexão com a internet e uma base solida disposta na vertical podendo ser uma parede”. Porém, as tecnologias ainda são vistas por diversos professores como um ‘bicho de sete cabeças’, pois muitos possuem resistências às tendências impostas pelas tecnologias contemporâneas, ou até mesmo por não estarem preparados profissionalmente para dominá-las.

Mas Faria (1999, p. 04) ressalta que “as tecnologias de comunicação estão provocando profundas mudanças em nossas vidas, mas os professores não precisam ter “medo” de serem substituídos pela tecnologia”. Ou seja, não tem nenhuma necessidade de travar uma forma de concorrência com os aparelhos tecnológicos ou com a mídia, sendo que ainda Faria (1999, p. 04) aponta que “eles têm que unir esforços e utilizar aquilo que de melhor se apresenta como recurso nas escolas e universidades”. Os professores devem estar preparados para a diversidade, segundo FARIA (1999, p. 04) devem “se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno”.

Porém, temas relevantes da sociedade devem ser inserido no contexto escolar como conteúdos complementares ou essências para aulas.

conteúdos abordados pela disciplina de Geografia, como geomorfologia, hidrografia, clima, desenvolvimento e subdesenvolvimento, êxodo rural, entre outros, devem ser trazidos aos olhos dos alunos. Através do estudo local pode-se trabalhar a Geografia de forma mais concreta, buscando a relação da abstração dos mapas e livros didáticos à realidade. (FERREIRA, 2009, p. 6).

No entanto, essas maneiras já tradicionais, que são muito importantes nas aulas de geografia, pode-se citar as aulas com data show, de forma que os professores possam apresentar conteúdos diferenciados nessas aulas como fotos, vídeos, imagens e filmes educativos. Em aulas com utilização de mapas podem trabalhar conceitos locais, regionais e também mundiais, sendo que os alunos possam localizar nos mapas diferentes pontos, cidades, capitais, rios, serras entre outros.

Em se falando de localização, os professores devem utilizar cartas topográficas para que os discentes possam distinguir as formas geomorfológicas da região onde vivem, as maquetes que possam representar relevos, vulcões, e

vegetações sendo os próprios alunos os encarregado em suas construções de forma que despertem interesse pelo tema abordado, pois serão parte do processo.

As aulas de campo podem ser muito construtivas, sendo que normalmente os alunos aprovam, ao mesmo tempo participam ativamente das aulas, dando contribuições a partir das suas experiências de vida, tornando com isso uma interação professor/aluno, no qual o professor passa a ser o mediador do contato dos discentes com o espaço geográfico, ou seja, questão que para os alunos, passam a ser simples ou até mesmo despercebida e torna-se recursos nessas aulas como, por exemplo, a desigualdade social, expressa nas construções ou em bairros luxuosos, bem como o contraste com a periferia, questões ambientais que possam ser discutidas nas aulas de campo, sendo que possam utilizar algum espaço em específico, ou seja,

o educador deve instigar a curiosidade e a consciência crítica dos alunos, estimulando a observação do espaço geográfico local, que fornece os melhores exemplos dos graves problemas sociais existentes, como a má distribuição de renda proporcionada pelo modelo capitalista adotado no Brasil. (FERREIRA, 2009, p. 7)

Deste modo, volta-se a mencionar a importância do professor se atualizar diariamente, pois as tecnologias estão presentes cada vez mais em nosso dia-a-dia.

CONCLUSÃO

Conforme relatado durante este trabalho, de fato a prática de estágio é muito importante para a formação do professor de geografia, tendo visto que é nessa fase que o formando poderá aplicar na prática o que a ele vem sendo ensinado na graduação.

No ensino de Geografia é possível desenvolver inúmeras habilidades através das atividades praticadas em sala de aula, bem como as maneiras de abordagem do tema, postura em sala de aula, desenvoltura na explicação dos conteúdos aos alunos, relacionamento professor/aluno, ou seja, através da observação sistemática proporcionam-se para o futuro professor de Geografia, experiências que o mesmo levará pelo decorrer de sua vida profissional.

De modo geral, a prática de estágio tem muito a contribuir para o ensino de Geografia, através dos estagiários, os modelos de ensino podem ser atualizados, uma vez que esses estão cheios de novas teorias que possam ser lapidadas juntamente com o professor regente, e em seguida, inseridas no contexto escolar. Por isso, os professores das escolas públicas devem acolher os estagiários em busca de melhorias contínuas da aprendizagem, conforme pesquisa apresentada no presente trabalho.

A referida pesquisa realizada na Escola Estadual Ezequiel Ramin nos apresentou importantes resultados para que possa se entender a percepção dos alunos e professores com relação aos estagiários. Entre as tantas questões a eles dirigidas pode-se relatar algumas que foram determinantes para o resultado positivo da prática de estágio supervisionado.

Foram questionados aos alunos sobre como eles veem as aulas ministradas pelos estagiários. Em resposta a essa questão, 95% dos alunos entenderam que as aulas são ótimas ou boas, portanto pode-se dizer que os estagiários estão sendo bem acolhidos pelos alunos do ensino fundamental.

Por outro lado, quando questionados se os estagiários utilizaram recursos diferenciados nas aulas a resposta foi que 95% dos estagiários usaram apenas

quadro negro, giz e livro didático, ou seja, o número de estagiários que utilizaram outros recursos ainda é deficiente.

Quanto às respostas dos professores, as mais relevantes consistem nas perguntas que se refere ao compromisso dos estagiários com a turma, no qual 80% responderam positivamente neste quesito.

No entanto, se tratando de estagiários, os professores relataram que somente 50% dentre eles não dominaram o conteúdo de geografia. Porém, observou-se que esse quadro pode ser revertido através de projeto em parceria escola/universidade. Sendo que questionados se a alguma instituição já fizeram esse tipo de parceria nas escolas em que os mesmos lecionam, 80% disseram que sim.

Tendo visto na opinião dos professores, as parcerias entre escola/universidade para as realizações dos projetos que visam à melhoria da prática de estágio, quando questionados, 60% dos professores acham ótimo e 40% consideram excelente.

Conclui-se com isso que esses tipos de práticas tendem a enriquecer a comunidade escolar como um todo e com isso os professores, estagiários e alunos são beneficiados mutuamente no processo de ensino/aprendizagem.

Por fim, considera-se que a prática de estágio é fundamental para o desenvolvimento tanto do futuro professor, quanto dos alunos que receberão os estagiários. Por isso, essa prática deve ser considerada tão importante quanto às demais disciplinas específicas do curso de graduação, uma vez que dará as bases da prática profissional para o futuro professor.

REFERÊNCIAS

ABREU Ana Rosa, **Caracterização Da Área De Geografia - Geografia No Ensino Fundamental:** 1989. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro052.pdf> >. Acesso em: 02 de maio 2013.

ANDRADE, Manuel Correia de, 1922 – **Caminhos e descaminho de geografia /** Manuel Correia de Andrade – Campinas, SP : Papirus, 1989.de

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas, 1952 – **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação do professor/** Iraíde Marques de Freitas Barreiro, Raimunda Abou Gedran. – São Paulo : Avercamp. 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ensino Fundamental de nove anos. **Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: MEC, 2007.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia /Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília : MEC/SEF, 1998.

BITTENCOURT, Lorenna Lorryne – **Estágio Supervisionado Obrigatório Em Geografia: Uma Experiência Na Educação Infantil E Séries Iniciais Da Educação Básica:** Lorenna Lorryne Bittencourt. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em 30 abril 2013.

BRITO e PESSOA – **Da Origem Da Geografia Crítica A Geografia Crítica Escolar:** Franklyn Barbosa de Brito. Rodrigo Bezerra Pessoa: 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(44\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(44).pdf)> Acesso em 25 de jun. 2013.

BUITONI. **Geografia:** ensino fundamental / Coordenação, Marísia Margarida Santiago Buitoni . - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 252 p. : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 22)

CAMARGO, José Carlos Godoy; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. A filosofia (neo) positivista e a Geografia Quantitativa. In: VITTE, Antonio Carlos (org.)

Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. 2000 - **Região e Organização Espacial.** / Roberto Lobato Corrêa – São Paulo: Editora Ática – 7ª Edição.

CHRISTOFOLETTI, Antônio. As características da nova geografia. In: **Perspectivas da geografia.** São Paulo: Difel, 1985, p.71-101

COSTA e ROCHA – COSTA, Fábio Rodrigues da ; ROCHA, Márcio Mendes – **Geografia: Conceitos E Paradigmas – Apontamentos Preliminares / 2010,** Disponível em: <http://www.nemo.uem.br/artigos/geografia_conceitos_e_paradigmas_fabio_costa_marcio_rocha.pdf > . Acesso em 20 maio 2013.

EVANGELISTA. Diego Roque. 2012- **Territorialidades Musicais: a indústria estabelecendo as diretrizes da cultura na juventude Juinense.** / Diego Roque Evangelista. – Juína – MT.

FARIA. Elaine Turk, (1999) **O Professor E As Novas Tecnologias,** Elaine Turk Faria. Disponível em: <<http://educacaoetecnologiapa.blogspot.com.br/2012/05/o-professor-e-as-novas-tecnologias.html>>. Acesso em 30 mai. 2013.

FERREIRA, Carla Fernanda Torres – **O Ensino de Geografia Escolar e Currículos Identitários: Um Estudo Teórico ee Suas Relações, 2009** disponível em <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20\(6\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT3/tc3%20(6).pdf)> acesso em 03 de Jun. 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Educação. Para a Educação Melhorar, todos devem participar.** 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 10 Abr. 2013.

MOREIRA, Ruy. **O Que É Geografia,** editora Brasiliense s.a – 1987.

MORAES, Antônio Carlos Robert de. **Geografia: pequena história crítica.** – São Paulo: Hucitec, 1987.

METZ Maristela Cristina - **Estágio Supervisionado: anos iniciais do Ensino Fundamental /** Faculdade Educacional da Lapa – Curitiba: Editora Fael, 2011. 270 p.: il.

PASSINI, Elza Yasuko. Romão Passini, Sandra T. Malysz, (organizadores). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado** – São Paulo: Contexto, 2007.

Parâmetros Curriculares Nacionais: **Geografia /Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.p. 30).

PICONEZ, Stela C. B. **A Prática de Ensino e o estágio supervisionado**. São Paulo: editora Papirus, 1991. p.56.

PIMENTA, Selma Garrido, 1943. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** / Selma Garrido Pimenta. – 8. Ed. – São Paulo : Cortez, 2009.

_____, Sônia de Almeida, CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **Tendências no ensino de Geografia** - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. 2008

_____, Sônia de Almeida, CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **A contribuição dos parâmetros curriculares para o ensino de Geografia** - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. 2008.

_____, Sônia de Almeida, CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **Didática e a prática educativa**. UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. 2008

SANTOS, Milton, 1926-2001 – **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica** / Milton Santos. – 6. Ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. – (Coleção Milton Santos;).

SANTOS, Rosirene Borges Rodrigues dos. **Ensino De Geografia – Estratégias De Aprendizagens Nas Séries Iniciais E Continuidade Na Formação Do Aluno**. Universidade Federal de Goiás/2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(53\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(53).pdf)>. Acesso em 24 set. 2012.

SILVA, Gerson da. 2008. **I Simpósio sobre Pequenas Cidades e Desenvolvimento Local e XVII Semana de Geografia. Algumas Estratégias Para O Ensino De Geografia**. Uem-Issn 1983-6538,2008, Disponível em: <http://www.dge.uem.br/semana/eixo9/trabalho_7.pdf>. Acesso em: 24 set. 2012.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **A natureza da Geografia Física na Geografia.** São Paulo, 2001. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/37343961/Suertegaray-2001>>. Acesso em: 30 mai. 2013.

VESENTINI, José William. **Ensaio de geografia crítica: história, epistemologia e (geo) política** / José William Vesentini. - São Paulo: Plêiade, 2009.220 p.

_____, José William. **Para Uma Geografia Crítica Na Escola** / José William Vesentini.– São Paulo, Editora do Autor, 2008.

XAVIER, Itamar Cleiton Souza, **Um breve estudo sobre:** a viabilidade do Software Google Earth, como apoio didático na construção do conhecimento no ensino Fundamental. / Itamar Cleiton Souza Xavier (2012).

